

FORMAÇÃO DO DOCENTE DE ARTES VISUAIS: PROFESSOR/ARTISTA/PROPOSITOR

*ACADEMIC EDUCATION OF VISUAL ARTS TEACHER: TEACHER / ARTIST /
PROPOSER*

Raquel Casanova dos Santos Wrege

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais/UFPel, bolsista de pesquisa
CAPES
raquel.wrege@hotmail.com

Ursula Rosa da Silva

Diretora do Centro de Artes e Professora do Programa de Mestrado em Artes Visuais /UFPel
ursularsilva@gmail.com

RESUMO

O presente artigo faz parte de uma pesquisa maior, desenvolvida junto ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel/ RS, e tem como foco estudar a percepção dos futuros docentes de Artes durante sua formação inicial. Este estudo de cunho qualitativo se deu por revisão bibliográfica, destacando como conceitos: “professor-artista-propositor” em comparativo com dados coletados por entrevistas, questionários online e gravação de áudio de oficinas com os alunos do Curso referido, durante o projeto de pesquisa desenvolvido com discentes do Curso de Artes Visuais modalidade Licenciatura da UFPel no segundo semestre de 2016. Para tratar teoricamente de artista/professor/ propositor apresenta-se como suporte de referência as obras e escritos de: Lygia Clark (1983), Hélio Oiticica (1986) e Allan Kaprow (1966). A abordagem de “professor-propositor” fundamenta-se pelas precursoras desta concepção Gisa Picosque e Miriam Celeste Martins (2004) e nos estudos de Utuari (2006). A partir deste embasamento foram desenvolvidas atividades com os futuros docentes, discutindo como compreendiam sua formação. Dentre os pontos explorados: a dificuldade dos alunos da licenciatura em assumir a possibilidade de ser artista e quais as concepções do que é ser artista que carregaram deste processo de graduação. Desse modo, salienta-se o papel da História da arte como meio que permite a compreensão de si, da formação e do contexto histórico em que se está inserido.

Palavras-chave: Arte propositiva. Formação inicial docente. Artes Visuais. Professor-artista. Professor-propositor.

ABSTRACT/RESUMEN

This article is part of a larger research developed with the Postgraduate Program in Visual Arts of UFPel / RS, and aims to study the perception of future teachers of Arts during their initial formation. This qualitative study was carried out by a bibliographical review, highlighting as concepts: "teacher-artist-propositor" in comparison with data collected by interviews, online questionnaires and audio recording of workshops with the students of the mentioned course, during the research project developed with students of the Visual Arts Course of the UFPel degree in the second semester of 2016. To treat theoretically as an artist / teacher / proposer, the works and writings of Lygia Clark (1983), Hélio Oiticica (1986)) and Allan Kaprow (1966). The approach of "teacher-proposer" is based on the precursors of this conception Gisa Picosque and Miriam Celeste Martins (2004) and in the studies of Utuari (2006). From this foundation, activities were developed with future teachers, discussing how they understood their formation. Among the points explored: the difficulty of undergraduate students in assuming the possibility of being an artist and which conceptions of what it is to be an artist that carried this graduation process. Thus, the role of Art History as a medium that allows the understanding of itself, the formation and historical context in which it is inserted is emphasized.

Keywords/Palabras clave: Propositional art. Academic Formation of Visual Arts teachers. Visual Arts. Teacher-artist. Teacher-propositor.

Introdução

Este artigo discorre sobre as diferentes noções que caracterizam o professor- artista, artista-propositor e professor-propositor, analisando a partir dos referenciais teóricos os dados que foram obtidos a partir de uma pesquisa maior desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPel. O referido estudo versa sobre o processo de formação inicial docente em Artes Visuais e faz parte da Linha de Pesquisa Educação Estética e Ensino da Arte, tem como orientadora a professora Dr^a Ursula Rosa da Silva. Objetiva-se compreender através do processo reflexivo, discussão e da produção artística desenvolver junto aos discentes em fase final de conclusão do Curso um melhor entendimento de sua formação individual como futuro arte-educador e coletiva tendo com amplitude a Licenciatura em Artes Visuais da UFPel. Neste recorte, trata-se de percepções destes estudantes sobre “o que é ser um professor de artes visuais? ”, pensando a partir da formação que tiveram no Curso questões envolvendo os papéis de artista e o significado de propor na arte. Em uma pesquisa anterior com o Trabalho de Conclusão de Curso em 2015, intitulada “Da navegação à deriva: Um estudo sobre a Experiência Estética na formação superior em Artes Visuais – Licenciatura”, foi feito um levantamento de dados junto aos acadêmicos e muitos demonstravam confusões referentes a identificações entre os papéis de professor/ fruidor/ mediador/ artista, além de dificuldades de compreensão de si como educador de Artes Visuais no decorrer da graduação. Sendo assim, tornou-se eminente: levar ao conhecimento dos alunos concepções sobre a formação do licenciado em Artes Visuais que se encontram no Projeto Político Pedagógico do Curso; refletir sobre a formação que os acadêmicos optaram durante o Curso e o que isso os proporcionou como construção pessoal/ profissional; repensar as opções de formação do Curso já que este oportuniza aos acadêmicos uma carga horária de formação livre e complementar de 18%, desse modo é uma formação mais subjetiva e se torna relevante que os alunos possam pensar sobre seu currículo. De igual modo é oportunizado que os alunos de Licenciatura curse disciplinas optativas como carga complementar no Curso de Bacharelado em Artes Visuais, caracterizando uma formação do educador de Artes também voltada para sua prática poética. No entanto, como se apresentou durante o processo de pesquisa, a maioria dos estudantes de licenciatura sentem-se angustiados ao tentar compreender o educador também como artista em potencial. A partir deste dado, foram desenvolvidas atividades que propunham dialogar sobre estas problemáticas e oportunizar aos

futuros docentes compreender melhor seu perfil profissional. Tendo em vista estes aspectos detectados como urgentes junto aos alunos, este estudo objetivou desenvolver nos futuros arte-educadores uma atitude mais reflexiva sobre seu processo de formação no Curso, através de práticas artísticas que possibilitem esses momentos de expressão referentes ao tema.

Caminhos metodológicos

A metodologia parte de uma abordagem qualitativa através de pesquisa-ação tendo como público-alvo acadêmicos do último semestre de 2016 do Curso de Artes Visuais modalidade Licenciatura da UFPel. Os dados produzidos envolvem a compreensão de um grupo e suas problemáticas formativas não objetivando a representatividade numérica, portanto foram coletados por meio de: entrevista semi-estruturada, questionário online, gravação de áudio e diário de pesquisa. Além disso, a análise destes se deu fundamentada pela pesquisa de revisão bibliográfica em produções artísticas relacionadas a Arte Propositiva e autores vinculados ao Ensino da Arte. Dentre as palavras-chaves que caracterizaram as principais buscas foram: a formação do “professor-artista”, a concepção de “artista-propositor” no Neoconcretismo brasileiro e conceito de “professor-propositor”. Para tratar estes conceitos apresenta-se como suporte referencial as obras e escritos de: Lygia Clark (1983), Hélio Oiticica (1986) e Allan Kaprow (1966). A abordagem de “professor-propositor” fundamenta-se pelas precursoras desta concepção Gisa Picosque e Miriam Celeste Martins (2004) e nos estudos de Utuari (2006).

Arte propositiva para pensar a formação do educador

A importância da História da Arte neste estudo emerge no sentido de por meio desta narrativa ser possível compreender as obras dos artistas, suas vidas e atuações dentro de contextos determinados. Desse modo, ela nos permite pensar não só sobre o passado, mas também construir referências para nosso presente e futuro, tanto na perspectiva de nossas vidas quanto em nossas práticas como educadores. Como define Makowiecky (2014), sobre as relações da História da Arte com passado e presente:

Deleuze (2006) acredita também que a “imagem não é presente”, e sim um “conjunto de relações de tempos” e que essas relações, “estão na imagem desde a sua criação”. (...) O objeto da história da arte não constitui a unidade do período descrito, mas sua dinâmica, o supõe movimentos em todos os sentidos, tensões e contradições. (MAKOWIECKY, 2014, p.143).

Adentrar na concepção da arte propositiva (Neoconcretismo, 1959) para trabalhar alguns aspectos constituintes da formação inicial docente em Artes Visuais foi uma forma de explorar nesta pesquisa diferentes percepções dos discentes sobre o tema da formação. E assim, questionar papéis que podem ser desempenhados pelo docente em Artes Visuais. Portanto, foi possível a partir do foco da pesquisa, que trata da formação inicial em Artes Visuais Licenciatura da UFPel, discutir outras questões que se relacionam ao Neoconcretismo:

O que é entendo por professor de Artes Visuais? Analisando a minha formação posso me compreender também como artista? O que significa ser um artista? É possível ser um professor- artista? Como compreendo estes papéis (docente, artista) em meu perfil profissional como educador de Artes Visuais?

O público-alvo desta análise foram os discentes do último semestre do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel no segundo semestre de 2016. Neste texto trago um recorte desta pesquisa maior e procuro discutir de modo mais aprofundado a compreensão de “professor, artista, propositor” que permeou o planejamento das atividades que realizei com este grupo. A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas complementares:

A primeira etapa foram as “Oficinas de diálogo e proposição artística” totalizando sete encontros (23 agosto até 22 de novembro de 2016), realizados durante meu estágio docente do Mestrado na turma de Projeto em Artes II, disciplina que trabalhava a produção final do Trabalho de Conclusão de Curso e tendo como titular a docente Larissa Chaves. Nestes momentos propus aos estudantes que pudéssemos através de atividades mediadoras pensar sobre aspectos de sua graduação, assim realizamos diversas atividades de cunho propositivo para refletir sobre o tema.

A segunda etapa foi resultado das obras produzidas pelos acadêmicos durante as Oficinas e trata-se da Exposição “*Reflexus*: a formação docente em Artes Visuais”, que durou de 09 até 15 de março de 2017 no corredor do segundo andar do Centro de Artes. Ao total foram expostas quinze obras de diferentes materialidades e técnicas, discutindo a temática da formação no Curso tendo a perspectiva pessoal de cada discente.

As questões relacionadas aos conceitos de “proposição e professor-artista” estiveram muito presentes nas discussões em grupo, diálogos e produções destes estudantes. Por meio de entrevistas/ questionário online e gravação de áudio dos encontros, pude perceber o quanto era difícil para o grupo se compreender a partir destas percepções e como isto era

distante para eles de um perfil do educador de arte. Muitos não compreendiam como o docente de artes poder trabalhar a partir da concepção de “professor-artista”, além disso não tinha clareza o que significava o artista como um propositivo.

Durante a elaboração/planejamento do projeto objetivei levantar estas questões, por perceber que durante minha formação no Curso de Artes Visuais-Licenciatura no período de 2012 até 2015, também senti dificuldades de me enxergar professora e artista, além do pouco contato com a concepção de Arte Propositiva. O primeiro contato que tive foi na Disciplina Optativa de Arte propositiva, no Curso de Artes Visuais Licenciatura ministrada pela professora Alice Moncell. Assim, durante as atividades pude constatar que esta abordagem estava apresentando-se como um dos pontos de discussão no grupo, portanto busquei introduzi-los na abordagem através das obras e artista que os auxiliassem na compreensão do educador de arte que também pode desenvolver o papel de artista e o modo como a proposição se faz presente no Ensino da Arte. Pude notar o progresso que eles tiveram em compreender melhor o que significava o professor como artista, a partir das relações estabelecidas com vida e obra de artistas como Lygia Clark, Hélio Oiticica, Allan Kaprow. É importante salientar que alguns destes artistas também atuaram no campo da educação trabalhando pelo Ensino da Arte. Como é o caso de Allan Kaprow (1927-2006), desenvolveu em 1950 o conceito de “*happenings*” e foi nomeado professor emérito do Departamento de Artes Visuais da Universidade da Califórnia em San Diego em que atuou como docente entre 1974-1993. Kaprow desenvolvia suas produções juntamente com seus alunos: “As Atividades (...) aparecem primeiramente em contextos educacionais – o artista visando realizá-las com seus alunos (...) A participação, o engajamento de estudantes (de artes) na execução de uma série de ações, tendo em vista a formação, a reflexão e o autoconhecimento (...).” (NARDIM, 2011, p.107-108).

Assim como, Lygia Clark que entre 1970-1975 durante sua docência na Faculdade de Artes Plásticas de St. Charles em Paris desenvolveu atividades coletivas: “Suas aulas eram verdadeiras experiências coletivas apoiadas na manipulação dos sentidos, transformando estes jovens em objetos de suas próprias sensações.”. (Associação Cultural: O Mundo de Lygia Clark. Biografia. Disponível em: <<http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp>>. Acesso em: 28 de dez 2017.)

Aspectos envolvendo a carreira docente dos artistas eram desconhecidas para o grupo de alunos, que pouco sabiam sobre o Neoconcretismo e argumentaram que nunca tinham ouvido na formação sobre estes artistas enquanto educadores. A obra de arte propositiva,

ganha destaque nesta pesquisa por proporcionar uma grande alteração no papel do artista e na atuação do público. O que este movimento busca é desvinculando a arte apenas como sendo o objeto e apresentar obras que provocam para participação por meio da ação, como argumenta Fervenza:

Elas são propositivas no sentido em que não há um objeto artístico pronto para ser apreciado, mas antes um processo. (...). Aquele que toma parte nesse processo inclui-se como alguém que produz uma experiência de fazer e abre uma experiência de sentir e pensar, ou pensar, sentir, fazer: os termos encontrando-se inter-relacionados e não necessariamente numa ordem estabelecida. (FERVENZA, 2004, P. 138)

Lygia Clark em suas obras convida o fruidor a participar ativamente da ação de fazer a arte, criar baseando-se na interação com o outro, os sujeitos participantes. Opõe-se à concepção de arte tradicional, em que há apenas a contemplação do objeto físico pelo espectador. No mesmo sentido a obra *Tropicália* (1960) de Hélio Oiticica, introduz um cenário social ou a concepção de arte que não é apenas para ser observada, mas um convite para que se faça a Arte. É preciso adentrar naquele espaço, na obra e experienciar como Oiticica está propondo para o fruidor. Trata-se da arte propositiva, movimento Neoconcreto que se inicia no Brasil em 1959, levando a participação e a experiência do público como fundamento principal.



Imagem 1: OITICICA, Hélio. Obra *Tropicália*, 1960.
Disponível em: <<https://bit.ly/2J7itFK>>. Acesso em: 11 de dez 2017.

O movimento teve como base o “Manifesto Neoconcreto”, publicado em 1959 no suplemento dominical do Jornal do Brasil, iniciou a Primeira Exposição de Arte Concreta no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e foi assinado por: Amílcar de Castro, Ferreira Gullar, Franz Weissmann, Lygia Clark, Lygia Pape, Reynaldo Jardim e Theon Spanúdis.



Imagem 2: Manifesto Neoconcreto, publicado no suplemento dominical do Jornal do Brasil, 1959.
Disponível em: <<https://bit.ly/2vqWbNh>>. Acesso em: 15 de dez 2017.

A concepção de “propor algo para outro sujeito realizar”, entendido assim pelo fazer artístico, que nubla os limites e confunde neste processo os papéis de fruidor e do criador. Origina-se nesta conhecida convocatória para a participação e o diálogo que Lygia Clark apresenta em seu Livro-obra (1983):

Nós somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, ma o agora. (CLARK, 1983, s/p.).

O foco é uma arte baseada na interação, potencializando o entorno e as situações que surgem de um pensar vivo. Este outro modo de compreender a obra de arte, envolve o “estado de abertura”, disponibilidade ou ativação da percepção como aponta Merleau-Ponty (1990). É preciso que o sujeito se ponha disposto para o encontro, a experiência estética e o contato com o outro. Rochefort (2010) explica sobre essa outra postura entre sujeito e arte no Neoconcretismo:

Liberar o objeto artístico de uma aura mítica formalista (...) trazendo a participação ativa do espectador na recepção ou na própria criação da obra (percepção e ação). Esse momento da arte, nos anos 60, é marcado por um forte apelo no sentido sensorial, (...). Esse corpo carente de sentido, de sentir, será convidado a participar, a experimentar a prática artística: a existência do artista, ou seja, a experiência do artista, daquele que cria, pensada até aqui como um fazer especializado, e que implica processos de subjetivação, será compartilhada, ou mesmo realizada por esse outro, antes exterior aos processamentos subjetivos do fazer artístico. (ROCHEFORT, 2010, p.22).

Entra desse modo, a concepção do fruitor como participante ativo da obra, expressa por Oiticica ao dizer que: “A ação é pura manifestação expressiva da obra” (OITICICA, 1986, p. 70). A superação do cavalete e do quadro, proposta pelo grupo, era um convite para que o público pudesse interagir por meio de relações sensoriais com a obra. Consideradas proposições artísticas associadas aos posicionamentos políticos que faziam ressurgir a ideia de Antiarte. A proposição que Oiticica faz a partir do “Parangolé” é para que o público saia da condição de espectador e seja ativo em uma ação criadora e expressiva: “É esta obra a verdadeira metamorfose que aí se verifica na inter-relação espectador-obra (ou participador-obra). (...) Parangolé (...) é ele o ‘abrigo’ do participador, convidando-o a também nele participar.” (OITICICA, 1986, p.71).

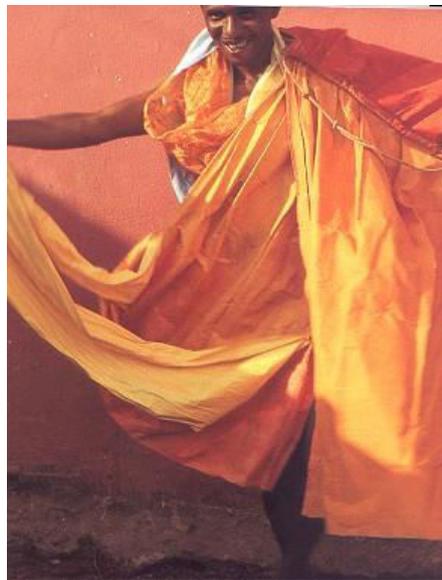


Imagem 3: OITICICA, Hélio. Nildo da Mangueira, com Parangolé, 1964.
Disponível em: <<https://bit.ly/1IUIHdo>>. Acesso em: 11 de dez 2017.

A arte propositiva sugere que o anterior “observador/ espectador” agora criador da arte, possa adentrar na obra, fazer a obra a partir de sua ação, tocar, interagir, caminhar em seu interior. Do mesmo modo, que Oiticica cria ambientes sensoriais para o público

experienciar em “Tropicália”. Já não basta a condição imóvel de observador frente à obra. Compreende-se melhor este pensamento através dos escritos de Hélio Oiticica sobre seus trabalhos. Segundo ele,

O que se propõe é uma proposição participativa do espectador no processo. O indivíduo é que apreende da obra seus significados, e isso se chama Obra Aberta. Não compete ao artista tratar modificações no campo estético como se fora este uma segunda natureza, um objeto em si, mas sim procurar, pela participação total, erguer os alicerces de uma totalidade cultural, operando transformações profundas na consciência do homem que de espectador passivo dos acontecimentos passaria a agir sobre eles usando meios que lhe coubessem: a revolta, o protesto, o trabalho construtivo para atingir essa transformação, etc. (GULLAR apud OITICICA, 1986, p. 95).

Ele traduz em suas produções também questões sociais e políticas, refletindo sobre o estado de passividade e o de ação como transformadora de contextos. Logo, é possível estabelecer conexões entre a arte propositiva e o ensino, levando estas concepções para a educação podemos pensar sobre:

- O artista como educador e o educador como artista;
- A concepção do “professor-propositor” como aquele que provoca os alunos para a criação e entende a aula como uma proposta para a reflexão;
- Diferentes modos de compreender a arte e o contexto que se insere: a arte propositiva integrando o fruidor como autor da obra, ou seja, o público faz a arte pela interação.

Ao abordar com o grupo sobre estes três aspectos acima situados, percebi que os discentes se sentiram mais próximos de se compreender no papel de “artista” e assim puderam falar com mais segurança de como se sentiam tendo em vista estes conceitos de modo interligados “professor-propositor” e “professor-artista”. Também tiveram contato por meio dos encontros com as obras e os artistas/educadores Lygia Clark, Hélio Oiticica, Allan Kaprow... para falar da visão propositiva da arte, assim como da prática de criação de artista intrínseca a do professor. Este diálogo permitiu ao grupo outras referências para suas percepções sobre o tema da pesquisa. Para Hélio Oiticica era possível pensar o artista como educador, conforme o texto publicado no catálogo da mostra "Nova Objetividade Brasileira" (Rio de Janeiro, MAM, 1967), ele argumenta que: “É essa a tecla fundamental do novo conceito de antiarte: não apenas martelar contra a arte do passado (...) mas criar novas

condições experimentais, em que o artista assume o papel de ‘proposicionista’, ou ‘empresário’ ou mesmo ‘educador’. ” (OITICICA, 1967, p.167).

Em 2004, Gisa Picosque e Miriam Celeste Martins refletindo a partir da obra “Caminhando” de Lygia Clark dão origem ao termo “professor-propositor”. As práticas pedagógicas do professor como um propositor, um provocador de ideias. Esta concepção permite ao aluno que este se torne um criador, estimulado pelo docente no processo de ensino-aprendizagem, que através do diálogo possam se estabelecer momentos de trocas. A fundamentação do termo “professor-propositor” está disponível no material da “DVDteca Arte na Escola” do Instituto Arte na Escola:

Professor-propositor. (...). Por acreditar na inventividade do educador e no seu olhar dirigido especialmente para os aprendizes que tem à sua frente na sua sala de aula, sejam crianças, jovens, adultos, professores em contínua formação, que ousamos ser também propositores. Não com um rol de atividades a serem seguidas, como numa seqüência pré-estabelecida.

Ao contrário, as proposições que oferecemos são como provocação ao olhar-pensar dos professores, por isso mesmo são muitas, diversas, complementares ou opostas, inusitadas ou velhas conhecidas, como um acervo de virtualidades, como proposições que alimentem as escolhas, as transformações, as investigações em campos conhecidos ou a conhecer, que convoquem para a inventividade e o contágio com a arte. (MARTINS, 2005, P.4)

O “professor-propositor” se origina de “artista-propositor”, com base no próprio conceito do termo propor: “Do lat. *proponere*. Definições: 1. Apresentar como sugestão ou opção; 2. Mostrar-se disposto a. 3. Ter como objetivo. 4. Apresentar (algo) como desafio (a alguém). ” (PROPOR. Dicionário Caldas Aulete, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/propor>>. Acessado em: 17 de dez. 2017). A palavra carrega em seu sentido a interação com o outro, como sujeitos de determinada ação. Pensando de mesma forma, no trajeto de vida e formação destes artista e educadores, como Lygia Clark que fez também atuou como professora e desenvolveu sua criação artística simultaneamente. Para Martins (2005) o educador pode em sala de aula pensar este espaço como um momento de se proporcionar “estados de invenção”, ou seja, experiências de criação com os educandos. De igual modo, a autora explica como a concepção de proposição embasa a ação do educador visto enquanto pesquisador de sua prática educativa: “A inquietude e o mergulho na experiência potencializam a ação de professores propositores. A ação propositiva move a pesquisa da própria prática, move os aprendizes para a experiência, move para problematizações constantes. ” (MARTINS, 2006, p.6).

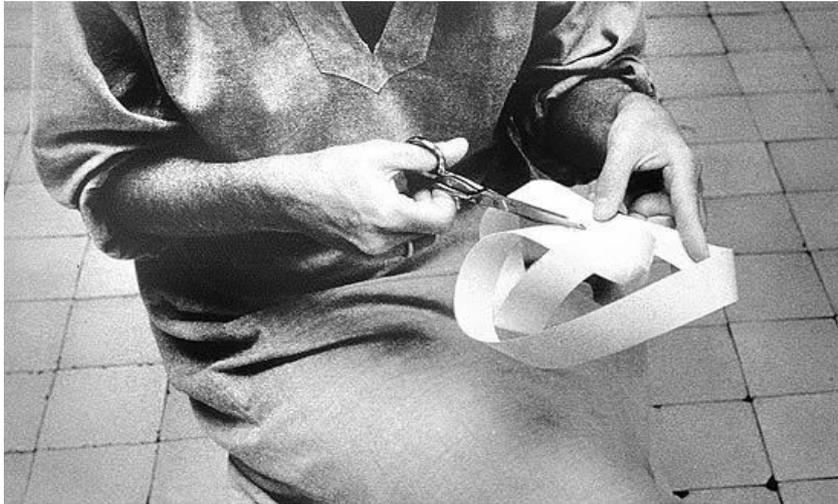


Imagem 4: CLARK, Lygia. Caminhando, 1964.
Disponível em: <<https://bit.ly/2qJz5fh>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2017.

Clark no texto “A propósito da Magia do Objeto” destaca a partir da obra “Caminhando¹” de 1964, a ideia de propor algo e que esse ato seja compreendido como arte, ela também reflete sobre a questão de autoria da obra trazendo assim a ideia do “espectador-autor”:

O ato do “Caminhando” é uma proposição dirigida ao homem, cujo trabalho, cada vez mais mecanizado, automatizado, perdeu toda a expressividade que tinha anteriormente, quando o artesão dialogava com sua obra. Talvez o homem não tenha perdido essa expressividade em sua relação com o trabalho- ao ponto de tornar-se totalmente estranho a ele- que para melhor redescobrir hoje seu próprio gesto revestido de uma nova significação. Para que uma tal mudança ocorra na arte contemporânea, é necessário algo mais do que simplesmente a manipulação e a participação do espectador. É necessário que a obra não conte por ela mesma e que seja um simples trampolim para a liberdade do espectador-autor. Esse tomará consciência através da proposição que lhe é oferecida pelo artista. Não se trata aqui da participação pela participação, nem da agressão pela agressão, mas de que o participante dê um significado ao seu gesto e de que seu ato seja alimentado por um pensamento, nesse caso a ênfase de sua liberdade de ação. (CLARK, 1965, p.3)

A partir dessa concepção da artista de que nós “somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos.” (CLARK, 1980, p. 31) adentramos no contexto

¹ No livro-Obra, a artista explica a proposição: “Faça você mesmo o Caminhando com a faixa branca de papel, corte-a na largura, torça-a e cole-a de maneira a obter uma fita de Moebius. Tome então uma tesoura, enfie uma ponta na superfície e corte continuamente no sentido do comprimento. Tenha cuidado para não cair na parte já cortada, o que separaria a fita em dois pedaços. Quando você tiver dado a volta na fita de Moebius, escolha entre cortar à direita ou à esquerda do corte já feito. Essa noção de escolha é decisiva e nela reside o único sentido dessa experiência. Se utilizo uma fita de Moebius para essa experiência, é porque ela quebra os nossos hábitos espaciais: direita esquerda, anverso e reverso etc. Ela nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo (CLARK, Lygia. Livro-Obra. Rio de Janeiro, 1964. Disponível em: <<https://bit.ly/2HxSmee>>. Acesso em: 29 de dez. 2017)

da educação, mais especificamente da Educação pela Arte, e assim poderemos pensar que os alunos podem ter através do educador um “trampolim para liberdade” e adquirir durante uma aula de artes a “consciência através da proposição que lhe é oferecida pelo artista”. Em outro artigo “Arte, só na aula de arte? ”, Miriam Celeste novamente desenvolve o conceito do educador enquanto propositor de experiências. A autora reflete a partir de Clark e Oiticica o que é a proposição na arte para pensar as possíveis relações com os outros sujeitos, e assim repensar os objetivos do Ensino da arte:

Para Lygia Clark e Hélio Oiticica, o artista é o propositor. (...) Como eles, somos também propositores quando lançamos nossos aprendizes na criação, na produção de sentidos, no enfrentamento do não saber.... Como na experiência com a fita de Moebius, em Caminhando, obra de Lygia Clark, em 1954, movemos o outro e a nós mesmos para viver experiências estéticas, não mais da maneira espontaneísta da escola que só valorizava o fazer, mas na consciência de si, na percepção dos próprios processos de criar, pensar, produzir significados, de se colocar vivo na experiência, de compartilhá-la com outros na conversa que se torna espaço do diálogo, do enfrentamento da diferença, da inquietude da desaprendizagem de nossas amarras conceituais. (MARTINS, 2011, p.313).

Para trabalhar nesta perspectiva de “professor-propositor” é preciso desconsiderar os estereótipos que estão associados à figura do artista, como “aquele que desenha bem e expõe obras”, e o professor de artes, como o “sujeito que sabe de história da arte e transmite aos alunos seu conhecimento”. Muito além disso, buscar se constituir na formação como um educador e artista, tendo as ferramentas da proposição para atuar de modo a compartilhar experiências. Ou como diz Utuari (2006): “Não estamos à frente da sala de aula e sim ao lado do aluno compartilhando descobertas. Nesta concepção de aula de arte o professor é um propositor de percursos. ” (UTUARI, 2006, p. 56).

O perfil docente em Artes Visuais: Interrelações entre educador e criador

A formação que se efetiva por meio dos Cursos de Artes Visuais, modalidade licenciatura, no Brasil possui base fundamental nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) para o Ensino Superior de Artes Visuais, resolução nº 1, de 16 de janeiro de 2009. Um dos aspectos fomentados pelas DCN's como parâmetro para o graduando é o desenvolvimento do potencial perceptivo, criativo e reflexivo que pode se dar através do fazer artístico. Destaca-se também que o Artigo nº 3 das DCN's define o pensamento reflexivo como algo que se possa apropriar no decorrer da formação, de modo igual durante o período da graduação o aluno pode apropriar-se da sensibilidade artística, uso de técnicas, sensibilidade estética através da compreensão de criações visuais:

Art. 3º O curso de graduação em Artes Visuais deve ensejar como perfil do formando, capacitação para a produção, a pesquisa, a crítica e o ensino das Artes Visuais, visando contemplar o desenvolvimento da percepção, da reflexão e do potencial criativo, dentro da especificidade do pensamento visual, de modo a privilegiar a apropriação do pensamento reflexivo, da sensibilidade artística, da utilização de técnicas e procedimentos tradicionais e experimentais, e da sensibilidade estética através do conhecimento de estilos, tendências, obras e outras criações visuais, revelando habilidades e aptidões indispensáveis à atuação profissional na sociedade, nas dimensões artísticas, culturais, sociais, científicas e tecnológicas, inerentes à área das Artes Visuais. (Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação, 2009, p.1).

Aliada ao processo criativo em artes situa-se a prática reflexiva. Esta pode ser percebida no decorrer de todo o pensamento e fazer artístico, desde o momento de “pesquisa”, ou abertura para o mundo, durante a própria atividade experimental e depois em seu processo de fruição. Assim encontra-se de igual maneira o foco no processo de reflexão pela arte, na Lei nº 9.394/96 (nova LDB) que apresenta apontamentos para o perfil profissional em Artes tanto na educação básica como superior desde 1996. No Artigo nº 43 da Lei de Diretrizes e Bases do Ensino da Arte, consta que a Educação Superior tem por finalidade “I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo.” (Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9.394/96). A LDB nº 9.394/96 define tanto o bacharel quanto o licenciado como pesquisador no campo das artes estimulando a produção cultural e este pensamento reflexivo como entendimento do sujeito no mundo. A proposta que o graduando possa por meio de sua formação atingir “competências intelectuais que reflitam a heterogeneidade das demandas sociais.” (Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação, 2009, p.3). Ambos os documentos caracterizam a construção de um perfil docente e artista, compreende-se que este perfil pode ser definido de modo subjetivo pelo estudante através de diferentes possibilidades no decorrer da graduação (disciplinas obrigatórias/optativas, horas complementares em cursos/seminários/apresentação de trabalhos, participação em grupos de pesquisa/extensão/ensino, exposições e eventos culturais diversos).

O curso de Artes Visuais, licenciatura da Universidade Federal de Pelotas/ Rio Grande do Sul foi reconhecido pelo Decreto de nº 81.606 de 1978. O Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel foi reformulado pedagogicamente e as novas mudanças foram aplicadas no primeiro semestre de 2010. A ação reflexiva abarca o fazer artístico e pedagógico, como destaca em um dos objetivos específicos no perfil do Curso de Licenciatura em Artes Visuais: “Possibilitar a formação de um profissional prático-reflexivo na área artístico-pedagógica, capacitando para

enfrentar os desafios da sociedade contemporânea nas atividades de ensino-aprendizagem, artísticas e culturais (...). ” (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.13). O Projeto mantém como foco uma formação docente ligada ao fazer artístico, esta compreensão está vinculada a associação dos conteúdos da prática artística, saber artístico e pedagógico. Ou seja, aponta para uma formação que integre o perfil educacional com o sujeito de criação artística, pensando o educador em sua potencialidade criadora:

No caso o Curso de Artes Visuais, modalidade Licenciatura, deve assegurar ao professor uma prática-teórica do saber e do fazer artístico conectada a uma concepção de arte e de ensino da arte na perspectiva da construção do conhecimento e a consistentes propostas pedagógicas e, ainda, a formação de um professor agente de seu próprio desenvolvimento, desempenhando um papel ativo na formulação tanto dos propósitos e objetivos de seu ensino como dos meios para atingi-los. (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.18).

O texto apresenta como um dos objetivos de formação capacitar para diversas formas de lidar com a experiência estética, interconectando o pensamento teórico sobre arte às experiências com a linguagem visual para melhor condução da expressividade. É ressaltado que o papel central da Arte na Educação é “(...) alicerçado na teoria-prática-reflexão do conhecimento, na construção de uma prática discursiva através da relação ensino, pesquisa e extensão universitária. ” (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.3). Tendo em vista que a ação pedagógica baseada na relação teoria-prática deve ser acompanhada do processo reflexivo em suas diferentes etapas. Destaca-se neste trecho o argumento da concepção de professor-artista:

Daí este projeto propõe uma prática pedagógica reflexiva considerando que ela:

- Coloca o professor como mediador do conhecimento e o professor-artista como agente de construção do saber e do fazer artístico;

- Evidencia o professor que tem consciência das finalidades da educação da arte e seu ensino, de suas relações com a sociedade e dos meios necessários para realização do seu ensino. Ele é professor sem deixar de ser artista; (Projeto Político Pedagógico do Curso de Artes Visuais- Modalidade Licenciatura, UFPEL, 2010, p.31).

Da mesma forma dentre os aspectos levantados para “Competências e habilidades” as DCN’s (2008) apontam para que o profissional possa “V - estimular criações visuais e sua divulgação como manifestação do potencial artístico, objetivando o aprimoramento da sensibilidade estética dos diversos atores sociais. ” (Diretrizes Curriculares Nacionais dos

Cursos de Graduação, 2008, p.5). Desse modo, percebe-se que a formação curricular que o acadêmico se propõe reflete diretamente em sua prática como educador, pois é a articulação para um saber integral. As experiências que irão definir a graduação influem diretamente na forma como a arte é compreendida nas escolas e espaços educativos não formais.

Concepções da formação inicial docente em Artes Visuais na UFPel: professor, artista e propositor

Inicialmente foi difícil para alguns alunos compreender a ideia do professor de artes como um artista em potencial, de se verem como criadores de arte e educadores simultaneamente. Tratar do termo propositor, possibilitou uma abertura do grupo para esta concepção e gerou uma identificação maior de si como educador e artista, atuante por meio da arte propositiva. Como podemos observar na resposta de um dos alunos do grupo sobre o seu processo interno de desconstrução dos estereótipos do que é ser professor de artes e a reconstrução de seu perfil como docente:

Por mais que se estudem muitas teorias, a prática em sua maioria sempre vai nos trazer uma habilidade extra, claro que a teoria é importante, mas a oficina para mim é 70% ou mais em grau de importância, pois é nela que se percebem as dificuldades, as frustrações e benefícios de ser um professor, pois quando nos reunimos trocamos experiências importantes, de estágio e outros lugares que algum colega trabalhou ou trabalha. Muitas coisas fui aprender nas oficinas, tais como: eu ser um artista, um mediador e fruidor, pois em minha concepção, eu era apenas um futuro professor, e foi através dos diálogos muito pertinentes e sinceros que fui me informado e esclarecendo que minha atividade me torna um artista também. Fiquei muito feliz em ter isso esclarecido, pois tinha aquele estereótipo de que artista é somente o que desenha bem. Mas ser artista vai além de desenhar bem ou não. (Discente A, Questionário online gerado através do Google formulários, acessado em: <<http://zip.net/bptLCW>>, questão 1, 2017).

O questionário foi aplicado após a realização do projeto, e nota-se que o discente destaca como importante o processo de reflexão proporcionado pelos encontros e discussões em grupo, além disso salienta o quanto foi importante a mudança que afirma ter ocorrido sobre a sua concepção do que significava ser educador de artes e a possibilidade de atuar enquanto artista na sala de aula. No primeiro encontro o mesmo estudante ao ser questionado sobre as possibilidades de ser um docente de artes e artista mutuamente, respondeu: “Porque para ser artista tu podes fazer um curso técnico, no “JA” ou tu podes ser um autodidata (...). Quando alguém pergunta: Tu sabes desenhar bem? Não eu não sei, mas sei os métodos para levar a algum desenho. Eu posso ensinar a técnica.” (Discente A, Degravação de áudio,

encontro 1, 23 de agosto de 2016). Após esta afirmação levantei outras reflexões para o grupo:

Mas e se eu te perguntar: tu não te sentes professor-propositor? Quando tu vais para a sala de aula e tu propões alguma coisa, será que não estás fazendo arte ali? Aí nesse momento tu comesas a te pensar como um professor-artista. E é estranho isso, porque a gente tem a visão do artista muito separada do professor de artes. Isso é muito forte. Por isso mesmo! Porque a gente acha que o artista é aquele que publica ou desenha bem. Mas e se tu chegares na sala de aula e fizer uma proposta diferente daquele professor que se senta na frente da sala e fica falando e não deixa ninguém falar, tu já estas sendo um artista-positor. Assim como Hélio Oiticica que propunha que as pessoas da exposição fizessem a arte. Que a arte não era aquele objeto dado pelo artista, mas a relação com o público em criar. Então isso muda um pouquinho a visão da gente. (Pesquisadora, Degravação de áudio, encontro 1, 23 de agosto de 2016).

Novamente para proporcionar momentos de reflexão torna-se necessário a partir da História da Arte e de uma contextualização apresentar novas perspectivas para o grupo. Para que possam conhecer estas visões e amadurecer suas percepções. Aos poucos trabalhando com este viés da arte propositiva os discentes desenvolveram uma outra visão, um posicionamento mais crítico, ativo e uma maior compreensão do que significa o educador comopositor e assim conseguiram pensar no aspecto da criação artística em sala de aula.

Outro discente durante o segundo encontro, desabafou que a palavra “professor-artista” ao carregar o termo “artista” lhe gerava uma carga de sentidos, que dificulta a compreensão de si: “(...) quando se fala em professor-artista eu acho complicado. Eu prefiro o professor-propositor, como havíamos falado... esse ser artista é complicado, é um peso no ser artista.” (Discente G, Degravação de áudio, encontro 2, 30 de agosto de 2016). Neste outro caso, novamente surge a percepção do estudante não se sentir capacitado para desempenhar o papel de artista, contudo no decorrer do diálogo afirma que a ideia de “positor” facilita o modo como vê o educador em sala de aula. Assim, a discussão aos poucos vai se desenvolvendo a partir do modo como o grupo entendeu o que cada um desses termos significava dentro de sua formação inicial e na ideia de sua futura atuação docente em aula. Outro integrante do grupo demonstra em sua fala estar mais claro que a Arte Propositiva levada para sala de aula pelo educador pode ser uma forma de trabalhar com o Ensino da Arte:

Aprendemos por meio de exemplos. Estudamos o processo de criação de artista em todo o período da História da Arte. Temos um repertório artístico bem vasto. Experienciamos em ateliês. Preparamos nossas aulas nos estúdios. Ao sermos professores propositores nosso fazer artístico pode e deve ser usado como forma a

estimular a produção dos alunos. (Discente B, Questionário online gerado através do Google formulários, acessado em: <<http://zip.net/bptLCW>>, questão 1, 2017).

Seguidamente durante as conversas, os discentes criaram parâmetros de comparação entre os Cursos de bacharelado e licenciatura, assim como justificam a falta de produção artística com a dificuldade de administrar o tempo de estudo que o Curso de Licenciatura lhes exige quanto aos aspectos mais teóricos. São reflexões que caem num contexto maior, quando se discute a ideia do perfil docente de Artes Visuais que envolva de modo intrínseco o artista e educador. Esses papéis muitas vezes ficam indissociados numa prática, no entanto os discentes, da licenciatura em sua grande parte, sentem dificuldades de compreender-se por esta concepção. Raramente os discentes são provocados para questionar essa situação, os seus medos e mantém em suas falas tentativas de justificar a produção ou falta de criação de arte na licenciatura. Esta discussão também se fez muito presente nos trabalhos apresentados pelo grupo, e acabou tocando como reflexão o público que interagiu com as obras. Nota-se nesta mesma perspectiva de diálogo o depoimento de um docente do Centro de Artes, que durante a mediação na Exposição estabeleceu um relato sobre o tema da formação:

Em algum momento se pergunta: você é um artista? Meus professores, na época em que eu fui estudante entre 90 e 95, tinha vários professores que tinham esta atitude. Afirmando que o discente não é artista. Parece que reverteu... parece que isto está acabando. Porque tem mais professores que entraram e que são artistas também. (...) meus discentes são do bacharelado, (...) quando eu percebo essas inseguranças, ou qualquer coisa. Aí eu pergunto: você é um artista? Você é artista ou não? O que você quer aí? Eu não vou dizer o que você é, você que tem que assumir. Então eu acho que é mais por conta de assumir. Assumir o que você quer ser independente do que os outros dizem. (...). Ou eu sou professora e artista, e estas coisas não precisam ser separadas. É uma coisa que eu assumo isso, como profissional e como pessoa. Se é uma coisa que você escolhe, então o que os outros falam... Então eu acho que tem um pouco de a pessoa não se assumir, um pouco de imaturidade eu acho... E a cobrança, qualquer tipo de cobrança dificulta. Em vez de cultivar a escolha ela pode te ferir como escolha. (Docente, Degravação de conversa com público da exposição, 2017).

Neste diálogo, o docente expõe que os papéis que o educador desenvolverá em sua prática partem de uma escolha, uma decisão e tudo o que o formou na graduação também acaba reverberando em sua atuação, no seu perfil como educador ou no modo como compreende o Ensino da Arte. Através das conversas com o grupo discente e docente, percebe-se muito presente na formação do Curso de Artes Visuais Licenciatura da UFPel a ideia do “professor/artista”. Essa concepção surge nestes diálogos de diferentes modos como: cobrança, possibilidade, escolha ou até mesmo uma grande dificuldade. Na fala deste docente

a concepção de atuar com ambos os papéis resulta necessariamente da maturidade do sujeito em formação.

Considerações Finais

Como podemos perceber nem sempre fica claro para o discente em finalização de Curso como se constituiu através da sua formação enquanto futuro educador de artes. Isto repercute no modo como entendem o Ensino da arte e caracteriza seu perfil profissional, muitas vezes não discutir sobre estas questões abordadas na pesquisa durante a formação é o que gera aflição nos futuros formandos. Pois, muitos demonstravam inseguranças e não se sentiram aptos para se desenvolver simultaneamente nos papéis de educador e artista. Em decorrência disso, que a reflexão sobre a formação inicial, sobre suas escolhas e sobre o Curso se torna necessária, por ser um processo que auxilia na tomada de uma atitude mais ativa do seu próprio desenvolvimento. Tratar com os discentes sobre estas questões e apontar outras formas de perceber o perfil do educador em artes, é um modo de proporcionar maior consciência do grupo, quanto ao o que os constitui na formação inicial e que influenciará futuramente em sua prática profissional. A pesquisa aponta as problemáticas e diferentes perspectivas, através dos dados coletados nas intervenções e por meio da análise deste material com o respectivo fundamento teórico. A relevância de pontuar diálogo entre dados e revisão teórica é gerar um material de reflexão, que possibilite discutir sobre a formação e o Ensino Superior em Artes Visuais na UFPel e capacitado para pensar sua unicidade com a sociedade e sobre os meios que são fundamentais para a efetivação de mudanças.

Referências

Associação Cultural: O Mundo de Lygia Clark. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.lygiaclark.org.br/biografiaPT.asp>>. Acesso em: 28 de dez 2017.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes curriculares Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais, bacharelado e licenciatura**; Resolução CNE/CP nº 1/2002, Brasília: MEC, 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**- Lei Darcy Ribeiro- Nº 9.394/1996.

CLARK, Lygia Clark. **A propósito da Magia do Objeto**. Disponível em: http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=20. Acesso em: 17 de dez 2017.

_____. **Caminhando**, 1964. In: revista Artcultura, Uberlândia, v. 10, n.17. P. 143-158. Dez. 2008.

_____. **Livro-Obra**. Rio de Janeiro, 1964. Disponível em: <http://issuu.com/lygiaclark/docs/1964-caminhando_p/1?e=0>. Acesso em: 29 de dez. 2017

_____. **Coleção Arte Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980, p.31.

_____. **Livro-obra**. Rio de Janeiro, 1983.

_____. **Obra Caminhando**, 1964. Fonte: <<http://www.artefazparte.com/2012/09/sempre-em-frente.html>>. Acesso em: 11 de dez 2017.

FERVENZA, Helio. Considerações da arte que não se parece com arte. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM: Estética e Arte Contemporânea: entre a crise e a crítica**. n. 28/29. Jan./dez. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/649/showToc>>. Acesso: 28 de dez 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas**. Campinas: Papyrus Editora, 1990.

MARTINS, Miriam Celeste. Arte, só na sala de aula?. In: **Revista Educação**. Porto Alegre, v.34, n.3, p. 311-316, set./dez. 2011.

_____. **Cadernos para o professor propositor**. São Paulo: Instituto arte na escola, 2004 a 2007.

_____. **Entrevistas: a inquietude de professores-propositores**. In: Educação. Ed. 2006. V. 31. Nº.02. jul. /dez. 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1540>>. Acesso em: 11 de dez 2017.

_____. (org). **Mediação: provocações estéticas**, Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. Pós-Graduação. São Paulo, v.1, n. 1, outubro, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012.

_____. **A aventura de planar numa DVDteca**. Arte na escola. São Paulo, n. 38, p 4-5. Jul, 2005. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/sala-de-leitura/artigos/artigo.php?id=69345>>. Acesso em: 17 de dez 2017.

MAKOWIECKY, Sandra. História da arte: conexões entre passado e presente. In: PILOTTO, Silvia; BOHN, Letícia. (orgs.). **Arte/Educação: ensinar e aprender no ensino básico**. Joinville, SC: Editora da Univille, 2014.

NARDIM, Thaise. **As atividades de Allan Kaprow: artes de agir, obras de viver**. Revista-Valise, Porto Alegre, v.1, n.1, ano 1, julho de 2011.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao Grande Labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

OITICICA, Hélio. Esquema Geral da Nova Objetividade. In: FERREIRA, Glória; COTRIM, Cecília. **Escritos de artistas: anos 60/70**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006

_____. **Obra Tropicália**, 1960. Disponível em: <<http://institutobybrasil.org.br/helio-oiticica-corpo-movimento-e-arte/>>. Acesso em: 11 de dez 2017.

_____. **Nildo da Mangueira com Parangolé**, 1964. Disponível em: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=856&titulo=Parangole:_antiobra_de_Helio_Oiticica>. Acesso em: 11 de dez 2017.

PROPOR. Dicionário Caldas Aulete, 2017. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/propor>>. Acesso em: 17 de dez. 2017

ROCHEFORT, Carolina Corrêa. **A marca corporal como registro de existência e a pele como superfície de experiência: o contato como paradigma para as imagens impressas do corpo**. Disponível em: < <http://hdl.handle.net/10183/27879>> Acesso em: 11 de dezembro de 2017.

Universidade Federal de Pelotas/ Projeto Político Pedagógico, **Reformulação do Curso de Artes Visuais – modalidade Licenciatura**, Centro de Artes da UFPel/RS, Pelotas: 2010.

UTUARI, Solange. **Professor Propositor**. In: Seminário de arte e educação. n. 25. 2016. Montenegro. Anais Poéticas, Pesquisa e docência. 2016.